



UNICEPLAC
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (Uniceplac)
Curso de Educação Física
Trabalho de Conclusão de Curso

A Subversão Feminina e a Questão de Gênero na Dança:
uma análise fílmica sobre *Flashdance*

Brasília/DF
2022

**GEOVANA DOURADO VELOSO
LUIZA HELENA DA SILVA ARAÚJO**

**A Subversão Feminina e a Questão de Gênero na Dança:
uma análise fílmica sobre *Flashdance***

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (Uniceplac).

Orientador: Prof. Me. Demerson Godinho Maciel

Brasília/DF

2022

**GEOVANA DOURADO VELOSO
LUIZA HELENA DA SILVA ARAÚJO**

A Subversão Feminina e a Questão de Gênero na Dança:
uma análise fílmica sobre *Flashdance*

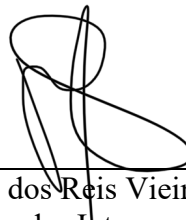
Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (Uniceplac).

Brasília, 1º de dezembro de 2022.

Banca Examinadora



Prof. Me. Demerson Godinho Maciel
Orientador



Prof. Dr. Rafael dos Reis Vieira Olher
Examinador Interno



Prof.ª Esp.ª Ana Paula Marques Silva
Examinadora Externa

A Subversão Feminina e a Questão de Gênero na Dança: uma análise filmica sobre *Flashdance*

Geovana Dourado Veloso¹

Luiza Helena da Silva Araujo²

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo abordar aspectos da singularidade do comportamento feminino em desconformidade com o papel de gênero socialmente pré-determinado, analisando a subversão feminina no contexto da dança, atividade abstrata que abrange a exploração de movimentos e elementos que, embora livres, tem impactos concretos na conformação do ser mulher e, através dessa análise, abordar importantes questões para o entendimento dessa subversão como meio revolucionário de compreensão de uma nova construção deste papel, integrando a multiplicidade da expressão de papéis identitários e o impacto da dança nessa transformação.

Palavras-chave: Subversão. Teoria Queer. Corpo. Gênero.

Abstract:

This work aims at female behavior in aspects of the singularity of female behavior in disagreement with the socially predetermined gender role, analyzing female subversion in the context of dance, an abstract activity that encompasses the exploration of movements and elements that, although free, have impacts this analysis addresses the important issues of understanding this subversion as a revolutionary means of understanding a new construction.

Keywords: Subversion. Queer Theory. Body. Gender.

¹Graduanda do Curso de Educação Física, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (Uniceplac). E-mail: douradogeovana48@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Educação Física, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (Uniceplac). E-mail: helenamaya.lhsa@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Abordar a teoria *queer* e seus preceitos antinormatizadores, que trata-se de uma teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de uma construção social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, impõe a complexidade de confrontar nossos próprios ideais e trabalhar com a desconstrução de limites impostos por determinada cultura, em um dado momento, transpondo as barreiras de uma política identitária caracterizada por identidades engessadas e reforçando as inúmeras possibilidades de uma matriz mais fluante e de caráter cultural e múltiplo em relação às formas de gênero e sexualidade. Contextualizar o desenvolvimento de uma política pós-identitária implica na proposição de um confronto da não admissão das possibilidades de associação com formas não hegemônicas da sexualidade, trabalhando contra o normalizante e adotando uma posição desconfortável de cotejo às estruturas normatizadoras frequentemente reiteradas de forma natural em nossa sociedade (GOMES, 2008).

A construção do papel feminino de gênero tem se modificado e desenvolvido desde o advento da teoria feminista na década de 60. Com o passar do tempo a luta pela não objetificação do corpo feminino toma grande força, afastando a estereotipação de gênero ligada a sexo, estética, padrões de beleza e outros aspectos que reduzem o ser mulher, dando força ao fato de que mulheres podem ocupar o espaço que desejarem, utilizando suas próprias aptidões e ambições, emancipando-se da dependência de um homem, confrontando os lugares arcaicamente padronizados de ocupação feminina e recriando a construção de uma fundamentação midiaticamente referenciada (RODRIGUES, 2005).

Diante do exposto, vale ressaltar que ainda se atribui a validação social feminina a uma falsa ideia de potencialização do mérito como meio de alcance dos lugares de ocupação, evidenciando a contradição entre mérito e fracasso que estabelece a existência de uma ambiguidade metafórica sobre bom e mau, ignorando as capacidades e as habilidades, naturais ou adquiridas, que muitas vezes são negligenciadas pelo fortalecimento do discurso meritocrático que justifica, sustenta e consolida a desigualdade claramente exposta através da teoria de que só valem os que "triunfam" e os que fracassam são responsáveis pelo próprio fracasso. (FERNANDEZ e FERNANDEZ, 2015).

Através da análise do filme *Flashdance* o presente estudo objetiva compreender os múltiplos aspectos do comportamento feminino que perpassam a narrativa de forma linear,

correlacionando fundamentos ideológicos de nossa sociedade às plurais diferenças que espelham distintas capacidades femininas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo tem como objetivo realizar uma análise fílmica de *Flashdance*, lançado em 1983, produzido e dirigido por Adrian Lyne. Tendo em vista que fazer uma análise pode parecer simples, como postar um comentário em uma rede social ou, como se fazia antigamente, escrever críticas, nos espaços direcionados a essas, em jornais e outros periódicos, entretanto é, na verdade, uma atividade mais complexa, que primeiro desmonta os elementos do filme e depois analisa estes elementos lhes dando significado (PENAFRIA, 2009).

Para realizar a análise de um filme é necessário observar desde as cenas até a luz de fundo, cenários, objetos que compõem a cena e enxergar além do óbvio, daquilo que já foi visto e comentado, fazendo assim a análise completa de cada uma das cenas, as abordagens temáticas utilizadas e a interpretação de cada uma dessas abordagens.

Para o presente estudo, separamos do filme algumas cenas mais impactantes que observamos, ressaltando a abordagem que engloba o comportamento feminino. Realizamos a seleção de diversos artigos para o estudo, compendiando as informações extraídas de cada um deles para correlacionar o trabalho com a temática proposta de forma embasada, utilizando da pesquisa qualitativa, cujo o intuito é examinar evidências baseados em dados verbais e visuais para se chegar a uma conclusão profunda e mais detalhada. É uma pesquisa caracterizada pelos seus dados e resultados empíricos, ou seja, subjetivo.

Decompor o filme pode ajudar a assimilar a vida real com a vida fictícia, levar a profundas discussões comparando o problema apresentado pelo personagem principal a problemas que acontecem no cotidiano.

Tendo em vista que vivemos na era digital, onde enxergar através das telas tem se tornado o novo jeito de viver, prestigiar filmes clássicos, é uma maneira de os adequar aos tempos modernos, de deixá-los com maior evidência, marcadamente observando que esses filmes relatam problemas sociais ainda existentes atualmente (FABIANE, 2008).

Filmes ditos clássicos (ainda que considerados antigos pelos desavisados) são os que mais tratam de causas sociais. O que ressalta a importância de seu uso para a educação dos jovens e de quem tem o interesse em refletir sobre o desenvolvimento cultural. Tendo em vista que a imagem tem substituído palavras (LANGER, 2004).

Podem também ajudar as pessoas que procuram trabalhar análises de filmes com enfoque no uso do corpo, em saber como utilizá-lo a seu favor para realizar um grande sonho. Em cada pequena cena, tudo coopera para a composição do todo, para que o filme traga, além de entretenimento, uma reflexão de um problema que pode ser solucionado no decorrer da vida em sociedade (PENAFRIA, 2009).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Produzido em 1983 e dirigido por Adrian Lyne, *Flashdance* se trata de um filme do gênero Musical, Drama e Romance. Uma jovem de classe média baixa, chamada Alex, cheia de talento, não mede esforços para realizar o sonho de se tornar uma bailarina. Para tanto, durante o dia ela trabalha como operária e à noite solta seu corpo no ritmo alucinante das discotecas. Quando Alex descobre que seu chefe Nick Hurley está interessado nela e apoia sua carreira, ela retoma os esforços para ser aceita em um prestigioso conservatório de dança. Embora Alex tenha medo de fracassar, Nick e a sua mentora, a ex-bailarina Hanna Long, torcem por ela.

A personagem Alex Owens é uma bela jovem católica, caracterizada por sua independência, determinação e por ser opiniosa. Durante o dia trabalha em uma usina de aço, cujo dono é um belo homem chamado Nick Hurley, e, durante a noite, dança em um bar denominado ‘Mawby's Bar’, onde criou vínculo de amizade com seus colegas de trabalho, Jeanie (garçom), Richie (cozinheiro) e Tina (dançarina).

É um filme musical, que contém ritmo em quase tudo. Podemos observar logo no início, em que já toca a música tema e se encaixa com o som das máquinas trabalhando; quando Alex está treinando os passos de dança em casa; quando as moças estão fazendo ginástica de academia; os rapazes praticando dança de rua; o guarda de trânsito trabalhando, enfim, grande parte do filme gira em torno de um fundo musical que se encaixa na ação das cenas. Aproximadamente 12 músicas atravessam a narrativa. ‘*What a Feeling*’ é o nome da música tocada durante todo o filme quando Alex se encontra em uma situação conflituosa ou feliz.

Ao escutar a música percebe-se que inicia mais lenta e depois o toque acelera dando maior entusiasmo. Os toques se encaixam de acordo com a cena vivida por Alex. Quando se trata de uma realidade confusa e ruim o toque é lento como, por exemplo: enquanto voltava para a casa só; quando tenta se inscrever pela primeira vez na companhia de balé; quando foi assediada na saída do bar em que trabalha; quando vai até a casa de Nick com ciúmes por ter

visto ele com outra mulher e joga uma pedra em sua janela ou quando briga com Nick e se nega a fazer o teste. E o toque mais agitado e animado quando se trata de algo bom, por exemplo: como as coisas pareciam melhorar quando Nick se apresenta a Alex pela primeira vez; ao receber e ler a resposta de sua carta de inscrição na companhia de balé e finalmente no dia em que realizou o seu teste no qual a música escolhida para sua apresentação foi a mesma.

Outra música que ficou conhecida e que é mencionada até os dias de hoje é ‘*Maniac*’, destacada na cena em que Alex se prepara para treinar em casa motivada pelo espetáculo de balé visto por ela na TV.

Retornando à música tema do filme, pode-se ver um paralelo com a vida da personagem. A primeira estrofe retrata Alex como uma mulher de 18 anos, que acabava de deixar seus pais e sua casa para morar em uma cidade grande, em que as pessoas só pensavam em si. Uma menina sonhadora, cheia de empatia sabia cuidar daqueles que a rodeavam, e que nem sempre recebia o mesmo de volta.

Primeiro, quando há nada
 A não ser um sonho ardente e lento
 Que seu medo parece esconder
 Nas profundezas da sua consciência
 Sozinha, tenho chorado
 Lágrimas silenciosas cheias de orgulho
 Em um mundo feito de metal
 Feito de pedra

Segunda estrofe retrata o começo de uma longa jornada em busca dos seus sonhos, em que só dependia dela para acontecer. A dança não a deixava desistir, pois a sensação que sentia era única.

Bem, eu ouço a música
 Fecho meus olhos, sinto o ritmo
 Me deixo levar, seguro firme meu coração

Refrão: entregue a paixão pela dança consegue realizar o seu sonho, aprovada em uma nomeada escola de balé.

Que sensação
 Comece acreditando
 Eu posso ter tudo isso, agora danço por minha vida

Pegue sua paixão
 E faça-os acontecer
 Imagens se tornam vivas, você dançar direito por sua vida

Agora, eu ouço a música
 Fecho meus olhos, sou o ritmo

Em um instante seguro firme meu coração

Que sensação
Comece acreditando
Eu posso ter tudo isso, agora danço por minha vida

Pegue sua paixão
E faça-os acontecer
Imagens tornam-se vivas, você pode dançar por sua vida

Que sensação
Que sensação. sou a música agora
Comece acreditando. sou o ritmo agora

Imagens se tornam vivas, você dançar direito por sua vida
Que sensação. você pode realmente ter tudo isso
Que sensação. imagens se tornam vivas quando eu chamo
Eu posso ter tudo isso. eu posso realmente ter tudo isso
Ter tudo isso. imagens se tornam vivas quando eu chamo
Chamo, chamo, chamo, chamo que sensação
Eu posso ter tudo isso. comece acreditando
Continue acreditando. acredite nos seus sonhos
Faça acontecer
Faça acontecer. que sensação
Que sensação. comece acreditando.

Lendo a tradução dessa música percebe-se que se trata do resumo da vida de Alex, ou seja, o resumo do filme. Toque lento e dramático no começo da música mostra que se trata de um momento mais conturbado e ao decorrer da música o toque fica mais animado e com frases de efeito encorajadoras. Assim como no filme, no início mostra a vida desafiadora de Alex, que sonha um dia ser uma bailarina profissional e viver disso, e precisa enfrentar todos os dias luta para se sustentar e conseguir alcançar o que almejava. Mas que no fim consegue chegar aonde queria, o clímax de uma história que só acabava de começar. Apesar de ter tido a ajuda de Alex, esse sonho se trata do talento inquestionável da mesma (ÁVILA, 2001).

Passando à análise das cenas que nos chamaram a atenção, Alexandra “Alex” Owens faz uma apresentação de dança no bar em que trabalha em Pittsburgh, *Mawby*, um tanto quanto excêntrica e convidativa, iniciando com uma coreografia mais interpretativa até dar luz a uma dança mais sensual que marca a identificação inicial da sua autenticidade. Com um cenário intimidador e instigante, trabalhado em cores quentes escuras e luzes de fundo, Alex vai transicionando sua coreografia gradualmente de uma sensação misteriosa para uma sensação inebriante e absolutamente antológica. Observa-se a falta da presença feminina no público do bar.

A paridade da cena com a identidade de Alex nos chama atenção para a maneira como ela se transveste em múltiplas facetas que já mostram elementos de uma nova visão feminina

mais autêntica e autônoma, transparecendo através das cores e de um cenário revolucionário que nos traz uma profusão de sensações.

Mesmo sendo uma mulher indubitavelmente jovem, Alex já nas cenas iniciais do filme demonstra características da subversão feminina ao enquadramento ao padrão de gênero, pois mostra-se completamente desprendida no palco dos olhares críticos masculinos, permitindo-se a sua própria identidade e nos instigando o desejo de alcançar a mesma liberdade que ela encontra de mostrar a própria alma através da dança (LOURO; LOPES, 2004).

Alex tinha 18 anos quando decidiu morar sozinha e correr atrás do seu sonho de ser bailarina, lá encontra Hanna Long, uma senhora aparentemente viúva, que em sua juventude era bailarina e que naquele momento morava sozinha; Hanna tinha um olhar expressivo e parecia se realizar em Alex, motivo pelo qual passa a ser sua conselheira e apoiadora. Alex vive um conflito interno: ao mesmo tempo em que é cheia de si, opiniosa e cheia de personalidade, se julga inadequada para estar na companhia de dança que foi o motivo de sua mudança. Com o desenrolar da trama, envolve-se amorosamente com seu chefe Nick, que a impulsiona e a faz se sentir mais confiante e confortável com o seu objetivo de ser bailarina profissional.

Como história secundária e criando um contraste, há a apresentação de sua amiga Jeanie, uma patinadora cheia de talento e força de vontade, mas com baixa autoestima, que precisa da aprovação do seu pai em seu show. Ela se envolve amorosamente com Richie, que sonha em trabalhar com show de comédia. Três amigos que sonham e buscam viver o seu sonho em uma cidade grande, em que as melhores oportunidades são dadas àqueles que têm melhor condição financeira e homens autoritários.

Em seu primeiro contato com sua colega de profissão, Margot, em uma conversa no camarim sobre a relação amorosa de uma das meninas, que receava não receber a ligação de um amante, Alex ampara a colega afirmando que ele com certeza ligaria, fortalecendo sua autoestima e autoconfiança. Mas Margot não interpreta o gesto positivamente e ressalta o quanto Alex gostava de “dar um jeito” na vida dos outros. O problema não era a Alex e sim Margot, que já não estava bem consigo mesma e não conseguia ver a vida com o mesmo entusiasmo. Naquele momento, Margot aceitava o seu destino, sem sonhos e sem almejar novos avanços em sua vida profissional. Uma mulher de classe média baixa, solteira, acima dos 30, o que na época era motivo de falácias, que já era julgada pela sua profissão, mas dependia daquilo para viver, então não conseguia respeito e, para evitar comentários que a machucassem, ficava sempre na defensiva, criando uma imagem de mulher forte e independente, mas que na verdade era vulnerável (CHIZIANE; JESUS, 2014).

No primeiro diálogo entre Alex e Nick, que se mostra interessado na moça, ele questiona o porquê de uma bailarina trabalhar como soldadora; ainda que Nick não se importe com esse fato (o que fica comprovado por seu relacionamento e seu apoio a Alex) esse questionamento revela, na narrativa, o papel esperado de uma mulher e bailarina, papel social que Alex subverte e supera no decorrer da história.

A verdade é que Alex não tinha condições de viver apenas do balé e se nega a depender de qualquer fator que não fosse o seu próprio talento, levando em consideração que demora para se profissionalizar e viver da arte e que ela não tinha meios facilitadores para crescer dentro da dança. O fato de não ter nascido com as mesmas condições sociais do conjunto que compunha o meio em que se inseria na dança, a fazia estar em desvantagem em relação à maioria já notadamente vinculada a uma condição central (FERNANDEZ e FERNANDEZ, 2015).

Logo no início do filme Alex Owens vai à companhia de balé da qual deseja fazer parte na intenção de fazer a inscrição para a audição. De bicicleta e trajada nas roupas do dia a dia – calças largas, uma bota velha e uma blusa de frio com broches pendurados – ela chega apreensiva na companhia até que, ao entrar na fila e se deparar com outras candidatas bem vestidas e trajadas com roupas tradicionais do balé, sente-se analisada, observada e intimidada pelas outras garotas, e a induz a se comparar; a voz da secretária ressoa e começa a se repetir em sua cabeça “não se esqueçam de escrever no formulário as últimas escolas em que você estudou e por quanto tempo estudou, a começar pelos lugares mais recentes em que estudaram e o número de anos em cada instituição, bem como se tem alguma experiência profissional ou qualquer outro repertório em suas fichas”, já que não havia feito parte de nenhuma companhia anteriormente.

Alex demonstra os elementos de uma visão feminina diferenciada para os comportamentos e pensamentos de sua época, mas, mesmo assim, a dançarina não acredita em si mesma e quer desistir do seu sonho quando entra na academia de dança e se percebe em um meio completamente elitista, visto que as bailarinas e bailarinos aguardando o momento de audição tem trajes completamente diferente dos seus, instrutores individuais, além de já terem um histórico de dança em outras academias.

Garotas brancas, com cabelos lisos, belas roupas e ótima aparência, que provavelmente não precisavam trabalhar para se sustentar e viviam da dança, pois tinham o apoio dos pais e, embora talentosas, dentro de uma construção social e o dilema moral paradigmático em torno das diferenças de classe, a cena desperta uma impressão de desvantagem em Alex, uma mulher pobre, cuja única experiência é em um bar noturno e treinos em casa. Isso trouxe insegurança

a Alex, já que mostrar-se uma mulher de pulso forte e durona, foi o jeito que ela encontrou para que as pessoas não a humilhassem ou se aproveitassem de sua inocência (CIKARA *et al.*, 2010; MOREIRA, 2016).

Ela é uma bailarina independente que estuda por si só desde que se apaixonou pela dança e se desenvolveu através da sua própria paixão. Mesmo sabendo que está indo a uma companhia séria e elitista, ela subverte o papel de gênero padronizado, mantendo-se em suas vestimentas de costume e inicialmente confiante em seu potencial enquanto dançarina e não somente no que pode ser apercebido pelas pessoas externamente, visto que o talento de um indivíduo pouco tem ligação com a sua maneira de se vestir ou de se comportar fora de um papel performático. Mas, mesmo com a confiança em seu talento, sente-se analisada e subestimada pelas pessoas ao redor, fraquejando em sua coragem no momento de se inscrever (BRESANI; ROCHA, 2009).

Enquanto isso, seu romance com Nick evolui bem. Em um momento de relaxamento e de forma despercebida, realiza um passo de dança que chama a atenção de seu parceiro que a questiona o porquê não se profissionalizar como bailarina. Alex vê em Nick alguém em quem pudesse confiar, então se abriu pela primeira vez, o que não teve coragem de falar para Hanna, e contou como se sente em relação a dança, que contava os minutos para que aquele momento chegasse porque era uma maneira de esquecer tudo o que acontecia ao seu redor e que no palco ela se sentia completa. Apesar de inexperiente na dança, sem o incentivo de ninguém, ela encontrou a dança como uma válvula de escape para a realidade que ela vivia, o que se tornou um sonho, ela se projetava na dança e respirava a dança. Entretanto isso não era o suficiente, ela se sentia despreparada pelo fato de não ter aprendido em uma escola renomada e sim por conta própria em casa, isso a desencorajava de fazer o teste (BICHARA, 2014; GAIARSA, 2002).

No dia seguinte, Alex vê Nick sair acompanhado de uma mulher da apresentação de balé, o que a leva a ir até a casa dele, num ato de vandalismo, jogar uma pedra na janela, o que causa dano e quebra o vidro. Naquele momento Alex se sentiu enganada, pois no dia anterior pela primeira vez ela se sentiu segura para se abrir com alguém, em um momento vulnerável mostrou seu ponto mais fraco. Como uma mulher que saiu de uma cidade pequena para morar sozinha, que precisava trabalhar para se sustentar, dificilmente desabafa com alguém justamente com medo do que as pessoas podem fazer contra ela, de como podem usar dessa vulnerabilidade para humilhá-la e quando finalmente se sentiu à vontade para agir naturalmente sem “armas” e proteção, vê o seu amado com outra. Naquele momento sua indignação não se direcionava apenas a Nick, mas principalmente a ela mesma, que evitava ao máximo se relacionar profundamente com as pessoas e se deixou levar por um sentimento que a fez mudar

a postura e seu olhar desviou do foco, que era se dedicar a dança. Mas naquele momento Alex estava amando e se sentiu perdida, pois o princípio da visão patriarcal amplamente faz com que as mulheres se sintam submissas e codependentes da presença masculina para suprir a expectativa social e cultural falocêntrica que direciona para além do imaginário a supremacia masculina (CHIZIANE; JESUS, 2014).

Nick, que era um homem trabalhador e sofrera com uma infância pobre, acreditava no potencial e talento de Alex e passa a incentivá-la a viver seu verdadeiro sonho; ela finalmente realiza sua inscrição impulsionada por ele, porém, para fazer parte da escola, havia uma seleção. Nick faz um telefonema e pede a ajuda para um amigo, que fazia parte da comissão avaliadora. Alex consegue o teste, mas ao comemorar com seu parceiro descobre que ele havia feito o telefonema e não aceita, pois queria ter conseguido tudo sozinha, o que mostra sua personalidade marcante que a faz desistir do teste e colocar um ponto final em seu romance. Nick, apenas tentou adiantar o processo que provavelmente seria mais lento ou nem chegaria, devido ao preconceito existente (AFONSO, 2011).

Outro momento que mostra os percalços de Alex e sua perseverança é uma cena em que comenta com Nick que por vezes não almoçava ou não jantava, ou às vezes nem comia e quando comia era um sanduíche natural e refrigerante *diet*, porque isso era mais barato e ela estava juntando dinheiro para se sustentar no dia em que passasse na escola de balé, além do fato de que economizava tempo. Sua rotina era muito pesada, então quando chegava em casa era só para dormir.

Outro baque sofrido por Alex nesse momento é se ver sem sua fiel conselheira, Hanna, que havia falecido. Ao observar o quarto de Hanna, Alex ficou reflexiva sobre seu teste. Ver fotos da amiga em trajes de balé e suas antigas sapatilhas, fez com que Alex quisesse desistir de sua pequena e grande trajetória naquele lugar. O que a fez mudar de ideia foi conversar com sua colega de profissão mais velha, Margot, uma mulher vivida, que levava consigo grandes experiências. A colega contou que havia começado jovem como Alex e que no começo aquilo a deixava empolgada e se entregava de corpo e alma a cada apresentação e que, com o tempo, se tornou algo insignificante e apenas questão de sobrevivência, nada além de trabalho. Naquele momento Alex se viu em Margot, uma mulher que se recusava a aceitar ajuda de outras pessoas, principalmente quando se tratava de homens, se dizia livre e independente. Alex saiu do bar determinada a fazer o teste, pois aquela conversa a deixou pensativa sobre seu futuro, se valia a pena deixar de viver um grande sonho por orgulho, e então começou a se questionar se era aquilo que queria se tornar no futuro, uma mulher frustrada e arrependida pelas oportunidades que deixou passar. O desfecho da história é marcado por um corte de cena em que Alex está se

confessando, aos prantos, sobre sua vontade de fazer aquele teste e em seguida já amarrando suas sapatilhas para realizar o tão sonhado teste.

Nervosa, ela erra um passo e cai, mas, determinada, se levanta, reinicia a música e torna a realizar a coreografia. A princípio a comissão avaliadora parecia não estar interessada, mas isso não abalou Alex, que fez uma apresentação enérgica, impetuosa com passos ousados. Mostrou aquilo que sabia, o que aprendeu com o sentimento de seu próprio corpo, com a satisfação de amar o que estava fazendo. Os jurados começaram a fazer movimentos sincronizados com o toque da música, como por exemplo batendo o pé no chão. Se animaram com sua apresentação e começaram a sorrir. Ao sair vitoriosa do teste, seu amado, Nick, a esperava com seu cão e flores na mão. Alex correu para os seus braços.

Tudo que Alex queria era chegar aonde almejava sem a ajuda de ninguém, mas se tratava de uma mulher jovem com baixa renda, não tinha lugar de fala. Naquele momento seu orgulho falava mais alto, pois ia de encontro a tudo que ela não concordava, se promover através de um homem rico e influente. Entretanto, logo caiu em si e percebeu que aquele teste dependia do seu talento, que não deixaria de fazer parte de seu sonho. E como esperado, ela concluiu o teste com êxito, entregou-se de corpo e alma, e ganhou a empolgação de seus avaliadores e se permitiu viver aquele que era o amor de sua vida (PEREIRA, 2008).

Na cena do teste, indubitavelmente memorável, Alex fez sua apresentação ao som da música tema do filme “*What a Feeling*”.

O drama vivido por Jeanie é mostrado numa cena em que Alex, Jeanie, Frank (pai de Jeanie) e Rosemary (mãe de Jeanie), estão sentados à mesa numa refeição, que parecia ser à noite. Então, Alex e Jeanie começam a comer em alta velocidade enquanto Frank as observa com um olhar de reprovação, logo suas palavras confirmaram aquilo que sua feição demonstra: “Vocês comem como porcos. E a dieta?”, então Alex responde que elas iriam patinar e gastariam todas aquelas calorias consumidas. Não contente, Frank as repreende e deixa claro que não gosta da ideia de que Jeanie siga carreira como patinadora e logo decreta o seu fracasso, dizendo que a própria filha iria cair com o “traseiro” no chão. Frank também não aprova o romance da filha com Richie.

Na cena tratada, observa-se Jeanie buscando a aprovação do pai em relação ao que desejava se tornar, uma patinadora de gelo profissional, e tendo em casa seu único apoio vindo da mãe. Futuramente, Jeanie longe do seu namorado Richie (que decide tentar a carreira de comediante fora da cidade, e a vê destruída por causa de sua falha em uma apresentação), decide entrar no clube de *strippers*; o que mostra o resultado de sua falta de confiança em si e sua baixa auto estima: uma necessidade de ser apreciada e notada por terceiros. Alex acreditava no

potencial da amiga e a motivava, mas Jeanie não foi capaz de quebrar padrões e se arriscar por algo que era seu sonho. Richie volta, mas não mostra no filme se ele e Jeanie reatam o romance.

Tudo aquilo que se encaixa como fora do padrão causa um desconforto para quem quer agir e ser diferente. A luta pela busca do corpo perfeito, na cena acima, se voltar alguns minutos nota-se que elas tinham ido até a sala de ginástica, o que despertou fome. Ou seja, estavam repondo aquilo que tinham gastado. A mulher está sempre sendo cobrada por sua aparência, sua forma e silhueta, sempre se justificando e precisando se ajustar a padrões pré-estabelecidos de um corpo perfeito (GALINKIN; SANTOS, 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do trabalho foi feita através da análise minuciosa de cenas do filme *Flashdance*, que nos trouxe a reflexão de como o sistema paradigmático de estruturação do pensamento predominante na sociedade ainda tem sobre si um olhar perfunctório e é reforçado cada vez mais em cada um dos ambientes de convívio social, beneficiando o triunfo masculino e inferiorizando a esfera feminina no que tange suas habilidades e capacidades, reduzindo a existência da mulher a tarefas específicas, remunerações específicas, alcances limitados ou mesmo a um físico padronizado exigido indiretamente pela pressão social. Enaltecendo a equidade do universo da dança, capaz de abarcar inúmeras facetas da revolução em relação à livre expressão do corpo e do movimento no mundo, *Flashdance* foi capaz de transpor as barreiras de um simples filme para o veículo de reflexão para além dos nossos contornos e limitações psíquicas, confrontando de forma engrandecedora o nosso entendimento sobre o feminino, gênero, sexualidade, corpo e movimento.

Atravessando de forma linear as nuances que envolvem o filme, conseguimos compreender que, mesmo com a dificuldade enfrentada pela personagem central acerca de seu comportamento desafiador que confronta o normalizante numa época em que já havia uma estrutura identitária de gênero frequentemente reiterada, a batalha feminina para ocupação de espaços elitizados ou culturalmente inalcançáveis de forma igualitária preenche a narrativa de uma forma intrigante que nos leva a questionar nosso papel na transformação da matriz limitante da homologia das políticas uniformizadoras de gênero.

Podemos observar também, dentro do contexto da representatividade social, a ocupação dos papéis no filme em que de forma patriarcal os homens são mais rígidos e ocupam lugares

de gestão, mas não se encontram em lugares dentro da dança na narrativa, reforçando a atuação do homem como direcionador e constituindo mais um espaço que limita a ocupação feminina.

Determinados espaços tem o alcance limitado às pessoas de baixa renda, dificultando a ocupação desses espaços por pessoas que muitas vezes, embora sem condições monetárias, são detentoras do talento necessário para tal. Especialmente dentro da dança, como pudemos observar em *Flashdance*, o alcance deve-se a intervenção masculina, mais uma vez diminuindo a capacidade feminina e reforçando as ocupações de classes sociais, escancarando a falsa ideia da existência da meritocracia em um meio elitista onde o acesso é facilitado àqueles que têm condições financeiras melhores.

De modo ímpio e geral, a ideia meritocrática nos leva a ignorar, depreciar e dissimular o fato de que a desigualdade caminha de forma desenfreada a uma escala planetária permitindo a existência de imerecidos diferenciais de oportunidades e induz o crescimento desses desníveis e assimetrias extremos na camada social.

De forma geral, concluímos que a igualdade de gênero é uma ideia demagogicamente distante, reforçando a necessidade de um dia alcançaremos o ideal de combate a desigualdades, sejam elas de gênero, sexualidade, raça ou classe social, compondo uma característica motivante através do reconhecimento da importância do posicionamento autêntico, múltiplo, livre e plural do comportamento humano, adotando a ocupação de um lugar de responsabilidade e não de culpa em relação à batalha em direção à decisão política de correção das desigualdades, compreendendo que toda sociedade é um espaço de múltiplas manifestações e sobretudo que, embora utópica a distribuição igualitária seja de renda ou de tratamento social, devemos permanecer resilientes para que alcancemos uma sociedade minimamente digna e sem discriminações.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Carlos Alberto. A Conexão Andrógena: O Que Significa Ser Mulher e o Que Significa Ser Homem na Era da Igualdade de Género?. 2011.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. 2005.

ÁVILA, Myriam. Catarse e final feliz. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 8, p. 127-132, 2001.

BRESANI, Mirella Campello; ROCHA, Maria Alice Vasconcelos. Um estudo exploratório sobre a expressão do vestir. In: **Anais do XX congresso brasileiro de economia doméstica**. 2009. p. 1-11.

FERNANDEZ, Atahualpa; FERNANDEZ, Athus. Meritocracia e desigualdade. **Derecho y cambio social**, n. 42, p. 1-15, 2015.

GALINKIN, Ana Lúcia. Estudos de Gênero e Psicologia Social Ana Lúcia Galinkin 31. **Resumos completos**, p. 31.

GALLINA, Justina Franchi. A necessidade da subversão: a teoria queer na educação. 2006.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. Escritas de mulheres: cotidiano, força e rebeldia. **Scripta**, v. 18, n. 35, p. 11-18, 2014.

KUHNEN, Tânia Aparecida. Conservação da natureza e manutenção do patriarcado: apontamentos ecofeministas. **Mulheres, desigualdade e meio ambiente**, p. 73, 2017.

LANGER, Johnni. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 5, p. 1-13, 2004.

LIMA, Ana Delma Tentes Côrtes de et al. O ensino-aprendizagem da língua francesa através de gêneros discursivos: uma experiência crítico-reflexiva por intermédio da pesquisa-ação. 2018.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso Sopcom**. 2009. p. 6-7.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 12, p. 499-512, 2008.

Agradecimentos

Eu, Geovana Dourado Veloso, quero agradecer primeiramente a Deus pelas oportunidades que me proporcionou até chegar aqui. Agradeço também aos meus pais e irmão, Luciana, Fernando e Jonas, que durante esse processo me apoiaram e me incentivaram, sem eles não seria possível tornar esse sonho realidade. Um agradecimento especial também para minha amiga e dupla de TCC, Luiza Helena, que não somente neste trabalho, mas durante todo o curso esteve junto comigo em cada etapa me ajudando a suportar as adversidades acadêmicas. Agradeço ao professor Demerson, que tornou esse processo mais leve, e nos ajudou a concluir este trabalho com êxito. Aos professores e colegas de turma que me acompanharam até aqui, sou grata.

Eu, Luiza Helena da Silva Araújo, agradeço também primeiramente a Deus que é a minha sustentação e motivação diária para buscar os meus ideais, me proporcionando a oportunidade de passar por todo o processo da graduação de forma firme, coesa e leve. Agradeço aos meus pais que me incentivaram e me apoiaram durante cada um dos dias difíceis e agradeço especialmente a minha amiga e grande parceira, Geovana Dourado, que foi os meus braços e as minhas pernas não somente na construção do trabalho de conclusão, mas durante todo o curso, me auxiliando nos momentos mais difíceis e partilhando comigo a alegria dos momentos descontraídos. Agradeço aos meus grandes mestres, Professor Demerson, que nos orientou durante a construção do TCC, e professores Rafael Olher, Gisele Kede, Daniel Tavares, Arilson Sousa, Lorena Cruz e Igor Cunha que me inspiraram durante todo o curso para chegar até aqui.